

# VOTO DE CONFIANÇA NO BRASIL

**Nova York** — Basta um pouco de sorte para que a situação econômico-financeira do Brasil se recupere. Essa avaliação foi feita por William McDonough, presidente do Federal Reserve Bank de Nova York, um dos representantes do banco central americano, durante discurso ontem num seminário sobre a crise global, na sede da Organização das Nações Unidas (ONU). Ele elogiou Armínio Fraga, o presidente indicado do Banco Central, definindo-o como um profissional “capaz e muito confiável”. E disse que a sua nomeação para chefiar o BC brasileiro deu uma nova face ao país.

“A combinação de Fraga com o presidente Fernando Henrique Cardoso e o ministro da Fazenda, Pedro Malan, dá ao Brasil uma equipe forte. Com apenas um pouco de sorte, as coisas vão melhorar”, previu McDonough, para quem a intensa saída de dólares do Brasil nos últimos meses foi resultado de “uma

reação tremendamente exagerada dos investidores”, ao observar que o governo não conseguia aprovar medidas essenciais para o processo de reformas: “Os investidores pensavam que o mundo ia se acabar”, comentou McDonough.

O banqueiro deu a entender que os EUA socorreriam a América Latina sempre que fosse preciso: “Os países latino-americanos têm o benefício de estarem fincados no mesmo hemisfério que os Estados Unidos”.

## AUTOCRÍTICA

Em Washington, três ex-funcionários graduados da equipe econômica do presidente Bill Clinton admitiram que as pressões dos Estados Unidos sobre os demais países, para que abrissem totalmente os seus mercados e promovessem a liberalização dos fluxos de capital são, em grande parte, responsáveis pelas crises financeiras na Ásia, na Rússia e, mais recentemente, no Brasil.

Mickey Kantor, ex-chefe do Escritório de Comércio da Casa Branca (- USTR) e ex-secretário de Comércio, disse que o governo americano não estava muito consciente do caos que essa política poderia provocar. “Seria uma crítica legítima dizer que deveríamos ter percebido melhor as nuances, e que prevíssemos melhor que isso poderia acontecer”, disse, acrescentando ainda que a adoção da liberalização financeira sem modernos sistemas legais e bancários seria o mesmo que “construir arranha-céus sem alicerce”.

A avaliação de Kantor apareceu, junto com a de outros colegas, numa reportagem especial de duas páginas do *The New York Times*, que vem mostrando a origem da crise financeira global. Laura Dandrea Tyson, que chefiava a Comissão de Conselheiros Econômicos da Casa Branca e depois passou a comandar o Conselho Econômico Nacional, endossou a análise de Kantor. E disse que ela ha-

via discordado “até certo ponto”, das pressões feitas pelos EUA em especial sobre os países emergentes.

Jeffrey E. Garten, que fora responsável pelo setor internacional do Departamento de Comércio e hoje leciona na Universidade de Yale, contou que toda vez que fazia uma viagem ao exterior recebia ordens para aconselhar outros países a adotar a liberalização comercial e financeira e a parabenizar os governos que já estavam fazendo isso. “Nós estávamos convencidos de que nos movíamos junto com o rio, e que o nosso trabalho era o de fazer o rio correr mais rapidamente. É fácil ver agora, em retrospectiva, que provavelmente fomos longe demais, rapidamente demais. Exageramos e havia até um certo grau de arrogância”, admitiu Garten, acrescentando que Wall Street “estava satisfeitíssima pelo fato de que nossa ampla agenda comercial havia incluído também os serviços financeiros”.